

WERNECK SODRÉ HOJE

Marcos Silva

(FFLCH - História/USP)

Memórias de um soldado (WERNECK SODRÉ, 1967) e *Memórias de um escritor* (IDEM, 1970) são volumes de escrita pessoal, que Nelson Werneck Sodré publicou depois de ter lançado dois de seus principais estudos de maturidade: *História militar do Brasil* (IDEM, 1965-A) e *História da Imprensa no Brasil* (IDEM, 1966). Quase três décadas antes, ele divulgara seu primeiro livro, uma *História da Literatura brasileira* (IDEM, 2002. 1ª ed.: 1938), reformulada em sucessivas edições e desdobrada em muitos outros volumes sobre esse campo. E em 1959, organizou uma antologia de *Narrativas militares* (IDEM, 1959-A).

Cada um daqueles escritos memorialísticos é dedicado a trajetórias do autor, com ênfase, respectivamente, em formação e carreira como militar e escritor, entrelaçando-as. Os estudos, por sua vez, têm por base a presença de intelectuais (jornalistas, ficcionistas, ensaístas, poetas) e militares, principalmente do Exército, na cena pública brasileira, vendo os últimos, também, como

intelectuais. Noutros de seus livros, temário e personagens semelhantes mereceram muita atenção.

Essa mescla explícita entre pensamento histórico e memória pessoal chega a surpreender num autor sempre cioso de racionalidade e com pretensões científicas. Ela evidencia um teor literário em sua escrita, estilo que se desdobrou em projetos interpretativos, também concebidos como ação política.

Werneck Sodré agiu como militar, escritor e cidadão no espaço republicano, apelando para os argumentos de nação e revolução e participando de lutas intelectuais, políticas e sociais. Não é ocasional que esse admirador de Lima Barreto também tenha dado grande destaque a Floriano Peixoto, apesar das furiosas críticas do primeiro ao segundo, no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (LIMA BARRETO): para Werneck Sodré, o romancista popular e o “Marechal de Ferro” foram importantes na projeção de uma república brasileira mais profunda, com vontades de cidadania que não conseguiram se consolidar na passagem do século XIX para o século XX, e talvez ainda estivessem para se implantar no período em que ele escreveu seus livros - para não falar em nosso século XXI.

A presença de Werneck Sodré na Imprensa periódica - inclusive, no momento ditatorial de 1964/1985, quando o acesso a outras instituições culturais se tornara tão difícil para ele - é um exemplo daquele pensamento desejoso de existência pública. Quem o hostilizou, durante a ditadura, como inútil sucata descartável agiu aquém do debate intelectual, possível apenas entre vozes que se ouvem. Se ele cometeu erros de interpretação - e o fez mesmo, junto com acertos, como costuma ocorrer entre o comum dos mortais -, sua superação só podia e pode se dar através da discussão de argumentos, e não de um agressivo silêncio, precedido por desqualificação.

A experiência ditatorial, que tanto oprimiu diferentes setores da sociedade brasileira - inclusive, os militares dela discordantes -, dificultou muito uma apreensão cuidadosa do trabalho de Werneck Sodré. Como a faceta mais visível das Forças Armadas brasileiras, naquele período, era a cena da ditadura, tornou-se mais fácil trabalhar com o estereótipo do militar autoritário, inevitavelmente conservador e até ignorante. Quando, na fase já declinante do regime, o cineasta Glauber Rocha tratou Golbery do Couto e Silva como intelectual e “gênio da raça”, equiparando-o a Darcy Ribeiro,

a estupefação foi grande entre setores de oposição: um militar podia ser intelectual (e mais: “gênio da raça”!) ou a capacidade interpretativa de Glauber desandara de vez, contrariando a elevada estatura de seus filmes anteriores?

Compreendemos um pouco mais, tantos anos depois, a argúcia política de Glauber Rocha: a oposição à ditadura precisava incluir frações militares entre os que poderiam ser articulados, de alguma forma, à dissolução do regime. Junto com isso, também há, mais recentemente, espaço para debater a ação dos militares que não só discordaram da ditadura, como sofreram seus reveses, tanto da parte dos governantes como de alguns dos outros opositores àquela experiência.

Werneck Sodré é um caso raro no século XX, mesmo em escala internacional: um militar que chegou ao generalato, identificado com o campo político de esquerda e autor individual de mais de 40 títulos (já descontados aqueles que foram lançados em novo formato, subdivididos ou renomeados em reedições, pois o total linear é superior a 50), de centenas de artigos em periódicos (seu arquivo pessoal, doado à Biblioteca Nacional, ultrapassa o milhar de textos divulgados nesses veículos) e organizador de seis

coletâneas, além de participar, como colaborador, em muitas outras. Onde encontrar um general, comunista e escritor com perfil semelhante?

Sua obra, produzida fora da universidade, revela abrangência temática, esforço teórico e zelo de erudição - o livro *O que se deve ler para se conhecer o Brasil* (WERNECK SODRÉ, 1997-C [1ª ed.: 1945]) e sua participação no volume *Joaquim Nabuco e o Panamericanismo* (IDEM, 1949) são exemplos desse cuidado. Publicando ao longo de seis décadas, ele tanto escreveu ensaios panorâmicos (IDEM, *Formação histórica do Brasil*, citado; IDEM, *Síntese da cultura brasileira* -, 1999. 1ª ed.: 1970) como manuais de referência (IDEM, *História militar do Brasil*; IDEM, *História da Imprensa no Brasil*; e IDEM, *História da Literatura brasileira*, citados), textos polêmicos de circunstância (IDEM, *A farsa do Neoliberalismo*, 1997-C) e estudos monográficos (IDEM, *As razões da Independência*, 1978-B. 1ª ed.: 1965). Além disso, não fugiu do presente ou do passado recente, assumindo-os como História, e isso numa época em que respeitáveis pesquisadores ainda separavam o tempo da História (algumas décadas antes de seu presente) do tempo da Política (desde as mesmas décadas), muito

antes de a Historiografia do final do século XX revalorizar a História Imediata e seus diálogos com Jornalismo e intervenção política...

Em diferentes gêneros textuais, Werneck Sodré demonstrou a busca de um projeto que, sofrendo mutações compreensíveis numa vida humana, preservou coerência e força interpretativa. Há permanências políticas e metodológicas (os argumentos do nacionalismo e da racionalidade), diálogos com diferentes tradições teóricas (um Naturalismo inicial, a crescente incorporação do Marxismo, o Desenvolvimentismo) e a mescla entre temas estudados e escritos pessoais, como assinalado em relação às *Memórias de um soldado* e *Memórias de um escritor*, que ajudam a compreender incursões ensaísticas ao redor de Literatura, nacionalismo, identidade militar, cidadania e classe média, por exemplo. Os trabalhadores pobres aparecem pouco nesses estudos (embora a *História da Imprensa no Brasil* dedique belas páginas à Imprensa operária - WERNECK SODRÉ, 1977. 1ª ed.: 1966) e o esforço para convencer a burguesia nacional a adotar determinadas políticas dá a impressão de que o escritor e militar comunista queria ser uma espécie de intelectual orgânico dessa fração de

classe, no que foi mal-sucedido.

Werneck Sodré publicou em importantes editoras brasileiras (Cia. Editora Nacional, José Olympio, Civilização Brasileira, Brasiliense, Vozes, Bertrand Brasil, Difel, etc.), mas seus livros sofreram um descarte abrupto, a partir dos anos 70, quando passaram a ser acusados de falta de rigor acadêmico - a maldição do ensaísmo! - e de culposos equívocos políticos em relação aos anos que antecederam o golpe militar de 1964. A expansão dos estudos pós-graduados no Brasil, que se seguiu à Reforma Universitária de 1969, talvez tenha sido entendida, por alguns acadêmicos, como monopólio da reflexão rigorosa (o saber em lugar fixo), donde a existência de autores alheios a espaço e estilo universitários aparecer, para parcela daqueles, enquanto amadorismo, aberração e simples ignorância, associados aos partidos políticos e movimentos sociais - espectros do mal-pensar ou puros lugares do Mal. Muitos desses ataques foram marcados pela tendência a uma ego-História presentista - julgar o trabalho alheio a partir do estado de conhecimento apresentado pelas pesquisas do crítico, apreciadas como padrão -, o que nem sempre significou pertinência argumentativa, evidenciando, isto sim, entusiasmo sem continuidade

e autopromoção de quem o atacava, mais alguma incapacidade de diálogo.

A universidade possui, certamente, extrema importância (tanto que sofreu duras perseguições durante a ditadura; junto com partidos e movimentos sociais, e sobrevive em difíceis condições, desde o fim do regime), militantes partidários pensam de maneira diferente dos - não necessariamente inferior aos - acadêmicos; e uma bem fundamentada crítica negativa a qualquer autor pode ajudar a compreender aspectos de sua obra e da sociedade onde ele atuou. Critérios precisos, todavia, não abundaram naquele descarte de Werneck Sodré, que se pautou, antes, pela culpabilização teórica e política em relação a 1964, ao mesmo tempo em que se reforçavam novos estilos de pensamento. Nessa disputa ideológica, Werneck Sodré recebeu o papel de vilão. Parafraseando o Bertold Brecht de *Vida de Galileu*, infeliz da erudição - acadêmica ou não - que precisa de vilões (BRECHT, 1977)!

Um dos pontos mais combatidos na obra de Werneck Sodré foi o tema dos restos feudais na História do Brasil, com desdobramentos de natureza historiográfica (formação e

desenvolvimento da sociedade brasileira) e política (alianças, visando a determinadas transformações sociais). Caio Prado Jr., importante historiador e editor de Werneck Sodré - a Editora Brasiliense, de sua propriedade, publicou *Formação histórica do Brasil* (WERNECK SODRÉ, 1982. 1ª ed.: 1962) e a segunda edição de *História Nova do Brasil* (IDEM, 1993. 1ª ed.: 1963. 2ª ed.: 1965-B) -, argumentou que era impossível falar em restos feudais porque não houvera Feudalismo no Brasil (PRADO JR., 1966). Alguns debates mais recentes sobre História da vida privada (MELLO E SOUZA, Org., 1997) rejeitaram a própria noção de Brasil em relação ao período colonial, lembrando que não havia ainda essa unidade nacional, esboçada apenas a partir de fins do século XVIII. Nesse caminho, os restos feudais podem ser rediscutidos como parte da América portuguesa - muitos autores pensam que houve Feudalismo em Portugal...

Reler Werneck Sodré não significa aderir às teses desse autor, e sim refletir sobre o que ele produziu e sobre o que se pensou desde então a respeito de diferentes temas e problemáticas - a partir dele, contra ele, até apesar dele.

Realizando o balanço de sua obra é contribuir tanto para o

melhor entendimento do trajeto de Nelson Werneck Sodré como para o estudo de um momento histórico na produção de saberes e na vida política e social brasileira, articulando-os ao presente da reflexão sobre percursos do país e produções de conhecimentos.

TÍTULOS CITADOS:

BRECHT, Bertold - *Vida de Galileu*. Tradução de Roberto Schwarz. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques - *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1976 [1ª ed.: 1915].

MELLO E SOUZA, Laura de (Org.) - *Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997 (História da vida privada no Brasil - 1).

PRADO JR., Caio - *A revolução brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.

WERNECK SODRÉ, Nelson - *A farsa do Neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997, 120 pp..

IDEM - *Formação histórica do Brasil*. 11ª edição. São Paulo: Difel, 1982, 425 pp. [1ª ed.: 1962-A, pp. 7ª ed.: 1971, 403 pp]. -

História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, 583 pp. [2ª ed.: 1977. 3ª ed.: 1983, 501 pp. 4ª ed.: 1999-A, 501 pp].

IDEM - *História da Literatura brasileira*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Graphia, 2002, 725 pp [1ª ed.: 1938, 246 pp].

IDEM - *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965-A, 437 pp.

IDEM - *História Nova do Brasil (1963-1993)*. São Paulo: Loyola/Giordano, 1993, 212 pp [1ª ed.: 1963-B. 2ª ed.: 1965-B].

IDEM - “Joaquim Nabuco e o Pan-americanismo - Esboço bibliográfico”, in: *Joaquim Nabuco e o Pan-americanismo. Contribuição Bibliográfica das Companhias de Seguros do Grupo Sul América*. Rio de Janeiro: IBECC/Sul América, 1949, pp 5/34. [O volume inclui textos de Múcio Leão, pp 35/48, e Otto Maria Carpeaux, pp 49/54].

IDEM - *Memórias de um escritor - I - Formação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, 377 pp (Vera Cruz - 146).

IDEM - *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, 655 pp (Retratos do Brasil - 60).

IDEM - *Narrativas militares* (Seleção, organização e notas biográficas). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959-A, 283 pp.

IDEM - *O que se deve ler para se conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997-C, 377 pp. [1ª ed.: 1945, 260 pp]

IDEM - *As razões da Independência*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, 266 pp. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978-B, 264 pp (Retratos do Brasil - 39). [1ª ed.: 1965-F, 274 pp].